

O PENSAMENTO DE ALAIN TOURAINE E A EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DO SUJEITO E O REENCANTAMENTO DO MUNDO

THE THOUGHT OF ALAIN TOURAINE AND THE EDUCATION: REFLECTIONS ABOUT THE THEORY OF SUBJECT AND THE WORLD REENCHANTMENT

SILVA, Camila Ferreira da¹

Resumo

É possível falar em reencantamento do mundo após séculos de ceticismo sociológico e décadas de pessimismo educacional? As respostas para tal questionamento foram buscadas, neste artigo, na teoria do Sujeito de Alain Touraine, afinal, a democracia é tratada – nos desdobramentos desta teoria – como uma das expressões do reencantamento. A pertinência filosófica especulativa desta teoria é complementada pelo seu caráter sociológico, baseado nas relações humanas cotidianamente estabelecidas. O que acaba por sugerir uma ponte relacional com a educação, em seu sentido mais alargado, superando o reducionismo tão frequente à instituição escolar. Tendo como objetivo central, justamente, a discussão analítica destas categorias [Sujeito, Educação e Democracia], a revisão literária serve de base aqui para a construção argumentativa responsável por tecer os próprios fios condutores da presente altercação.

Palavras-chave: Sujeito; Alain Touraine; Educação.

Abstract

It is possible to speak of reenchantment of the world after centuries of sociological skepticism and pessimism decades of education? The answers to such questions were sought, in this article, the theory of Alain Touraine's subject, after all, democracy is treated –in the ramifications of this theory – as one of the expressions of reenchantment. The speculative philosophical relevance of this theory is complemented by its sociological, based on everyday human relationships established. What ultimately suggest a relational bridge to education in its broadest sense, overcoming the reductionism so common to school. Aiming central precisely the analytical discussion of these categories [Subject, Education and Democracy], the literature review provides the basis argumentative here to build themselves responsible for weaving wires of this altercation.

Keywords: Subject; Alain Touraine; Education.

¹ferreira.camilasilva@gmail.com

Nota introdutória

Por muito tempo as análises sociológicas fincadas em conceitos presos à macro-estrutura imperaram no cenário mundial. O *status* que, dentro dessa lógica, veio sendo dado à compreensão do funcionamento da sociedade acabou marginalizando o Sujeito. Zaia Brandão (2001) enxerga o debate entre macro e micro como uma velha polêmica que atravessa a pesquisa em sociologia da educação, e neste contexto, apresenta questionamentos que suscitam reflexões sobre qual das perspectivas seria mais compatível com o estudo dos processos educacionais. O sociólogo alemão Norbert Elias (1992 apud BRANDÃO, 2001, p. 154) acaba por oferecer uma resposta bastante contundente:

[...] uma vez alcançada uma visão mais clara dos aspectos da vida social que se destacam com mais nitidez do fluxo histórico quando contemplados do alto e numa longa extensão, convém retornar à outra perspectiva, a que se tem dentro do fluxo. Cada uma dessas perspectivas, se isolada da outra, apresenta riscos específicos. Ambas – a visão aérea e a do nadador – mostram o quadro com certa simplificação. Ambas nos inclinam a depositar uma ênfase unilateral.

À necessidade relacional e até dialética entre as esferas micro e macros sociais ² é conferida neste ensaio um lugar central. Isso porque é crucial partir de um olhar completo, que seja capaz de interrogar, concomitantemente, aquilo que compõe a macro e também os elementos da microestrutura. O próprio objetivo deste artigo requer este olhar, pois ele é imprescindível para discutir a teoria do Sujeito de Alain Touraine, tendo como pontos de análise a educação e o possível reencantamento do mundo.

Neste sentido, em se tratando de metodologia, empregou-se a revisão de literatura, sendo esta não apenas compatível com o objetivo central, mas também possibilitando um amplo aparato de argumentação analítica crucial ao desenvolvimento do presente texto. A própria produção de Touraine (1996, 1998,

² Segundo Brandão (2001, p. 154) há a “[...] necessidade de superar os antagonismos teórico-metodológicos entre as abordagens micro e macrosociológicas, no campo da pesquisa em sociologia da educação”.



2004, 2009), bem como de autores que buscaram entender sua teoria (HAHN, 2008; SILVA, 2008; ADELMAN, 2004) servem de base para as análises posteriores.

Este verdadeiro movimento teórico-analítico acabou por suscitar a possibilidade de promover aproximações entre a teoria tourainiana e a esfera educacional. Partindo, então, da compreensão do pessimismo educacional, que vem se desenhando desde 1970 nos meios intelectuais ocidentais (GOMES, 1985), conceitos como Sujeito, Democracia e Educação são responsáveis por reafirmar um dos argumentos utilizados pelo próprio Alain Touraine, o reencantamento do mundo.

O Sujeito em perspectiva histórica

O Sujeito vem sendo entendido e estudado segundo a lógica de cada período histórico. Com base, especialmente, nos escritos de Hahn (2008) procura-se estabelecer aqui um breve panorama compreensivo acerca do lugar que o Sujeito veio ocupando ao longo do tempo nas diferentes formas de organização da sociedade.

A ideia de que o todo precede e, logo é mais importante que a parte marca tanto a Antiguidade quanto o período Medieval. As grandes religiões orientais – jainismo, cristianismo, judaísmo, islamismo e budismo –, bem como a filosofia grega já afirmavam predominantemente esta ideia. Na relação entre cidadão e polis, por exemplo, quem predominava era a polis, dando sentido, portanto, ao cidadão.

Sócrates, por exemplo, está preso, condenado à morte. Deverá tomar cicuta, um veneno. Ele não se defende. Aceita a decisão do *todo*. Com a ajuda de um “agente penitenciário”, poderia até fugir. Ele “escolhe” morrer, porque assim o *todo* havia decidido³ (HAHN, 2008, p. 178 – grifos do autor).

Na Idade Média, o todo, além de preceder e importar mais que a parte, ainda merecia fervorosa veneração e reconhecimento. O que pode ser explicitado por meio de categorias que denotam esse caráter, tais como: tradições, mandamentos, valores morais em geral. Os quais, por sua vez, revelam uma tentativa de “boa convivência” entre as pessoas – fazendo emergir mais uma vez a importância dada

³ Para ler na íntegra o episódio do julgamento de Sócrates ver: *Apologia de Sócrates* de Platão (2010).



Unesc
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



ao coletivo. O maior exemplo desta configuração pode ser explicitado pela própria história de Cristo, uma vez que esta deixa como mensagem (e neste caso, como ensinamento de vida) o sacrifício individual em troca da salvação da humanidade.

Apenas na Idade Moderna é iniciada uma reflexão que visa inverter essa relação hierárquica entre todo e parte. É nesse momento histórico que se inicia uma sistematização acerca do Sujeito. Três correntes filosóficas, então, explicitam tal sistemática: Racionalismo, Empirismo e Criticismo.

René Descartes, maior nome do Racionalismo, compreendia a Razão como fundamento de todo o conhecimento possível. O Sujeito cartesiano é o eu como puro pensamento, uma *res cogitans* (coisa/ser pensante) separada do corpo, do material. “Descartes se liberta do mundo das sensações e das opiniões” (TOURAINÉ, 2009, p. 51), definindo o ser humano pelo aspecto uno da Razão – o critério da verdade. Francis Bacon, John Locke e David Hume, conhecidos como empiristas, contrapondo-se aos racionalistas, afirmam que a experiência sensível é determinante para o processo do conhecimento. O Sujeito, então, não é mais um ser pensante, por conseguinte é aquele que empiricamente transforma as coisas. A partir dos livros *Crítica da razão pura* e *Crítica da razão prática*, Emanuel Kant critica concomitantemente as duas correntes apresentadas anteriormente. Para ele “[...] não é possível uma razão independente da experiência, como também não é possível uma razão reduzida à experiência” (HAHN, 2008, p. 178). O Sujeito kantiano é um construtor da ordem do universo, fazendo experiências que favorecem a construção do conhecimento, da razão.

As bases dessas correntes acabam fortalecendo o rompimento com as tradições medievais. A razão interna (a do Sujeito) emerge em detrimento da externa (das normas e leis que imperavam até a Idade Média). O que provoca a afirmação – mesmo que lentamente – do Sujeito, fato que é impulsionado pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa.

Karl Marx, no século XIX, analisando a conjuntura social da época, constatou que a aplicação das ideias liberais excluía a maioria da população da condição de sujeito e, o que determinava, naquele momento, tal condição era o fator da prosperidade. Ou seja, somente os proprietários dos meios de produção eram considerados

sujeitos. Nesse contexto, Marx, conclamando os trabalhadores de todo o mundo para unir-se, proclama o proletariado como sujeito coletivo da história (Id., 2008, p. 179). Por isso,

É no pensamento de Marx que a filosofia da história vive com maior dramaticidade a contradição entre sua força libertadora e a submissão do sujeito à História. Em nenhum outro lugar, no pensamento social, fez-se ouvir com tal força a afirmação de que o homem é o autor da sua própria história (TOURAINÉ, 2009, p. 87).

No século XX as discussões acerca da temática Sujeito são norteadas pela concepção de que o grande sujeito responsável pelos rumos da sociedade é o mercado, uma vez que é ele que toma as decisões, impondo as consequências destas aos indivíduos (HAHN, 2008; SANTOMÉ, 2003).

Atualmente, em pleno século XXI, as dúvidas que Noli Bernardo Hahn (2008) elenca constituem verdadeiros desafios para a constituição dos indivíduos enquanto sujeitos – “o homem moderno ou pós-moderno está em dúvida: afinal, quem decide, quem escolhe? A razão ou o mercado? Uma razão individual ou uma razão coletiva? ‘Eu’ ou ‘outro’?” (HAHN, 2008, p. 180).

O Sujeito de Touraine: algumas implicações educacionais e o possível reencantamento do mundo

A compreensão da categoria Sujeito em Alain Touraine requer um prévio entendimento acerca do que o autor define como Modernidade. Em seu livro *Crítica da Modernidade* (2009) o autor apresenta um panorama complexo de todas as características que circundam este momento histórico, a fim de demonstrar como o Sujeito veio sendo modificado de acordo com a lógica social estabelecida. É importante ressaltar que Touraine não considera a modernidade como um período inteiramente negativo – mesmo criticando sua racionalização exarcebada – isso porque a emergência do Sujeito é exatamente devida à Idade Moderna.

Touraine critica, então, a modernidade, que recalcou os sujeitos submetendo-os à racionalidade instrumental e, portanto, impossibilitando a constituição da democracia (SILVA, 2008). A recomposição da modernidade aponta, dessa maneira, para a

Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESC



Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



união entre dois elementos essenciais – a razão e o sujeito. O que significa unir o universo do conhecimento e da técnica e o universo da etnia, da individualidade e da tradição. Em última instância, significa buscar a “comunicação entre o mundo da instrumentalidade e o mundo das identidades” (TOURAINÉ, 1998, p. 66).

Sob a égide da elite racionalista, a modernidade foi autoritária e contribuiu para a constituição de indivíduos embotados no que tange às suas capacidades de se tornarem sujeitos. Recompôr a modernidade, de modo a unir a razão e os desejos, é possível, segundo Touraine (1996, p. 193), pela democracia, pois ela “é precisamente a expressão política desse reencantamento do mundo. Com efeito, o debate político livre e o conflito de valores no qual ele se apóia são manifestações desse retorno do recalcado” (SILVA, 2008, p. 24).

Permeado pelas discussões que se instauram no seio da sociedade moderna, Touraine concebe a sociedade pós-industrial, a qual é configurada pela substituição do eixo econômico enquanto ponto central nas análises sociais, sendo substituído pelo conhecimento e informação. Nesse contexto é possível estabelecer diálogo entre o sujeito tourainiano e sua concepção de sociedade.

De pertinência filosófica, o Sujeito concebido por Touraine, é vazio, pois o autor o concebe como luta de sobrevivência em face da enorme pressão da economia, do consumo, da cultura de massa e do comunitarismo. Para ele, então, o sujeito é o olhar sobre o corpo individual, não-social, apenas vivo e sexuado (TOURAINÉ, 2004). Sujeito, então, é um “[...] conceito não-social, pois a ordem social é fundamentalmente o anti-sujeito” (HAHN, 2008, p.182).

Outros dois “estágios” podem ser vislumbrados na obra de Touraine, os quais auxiliam no processo de compreensão do Sujeito. A tríade indivíduo-sujeito-ator é responsável, na obra deste teórico, por demonstrar o caráter de mudança social que pode estar impresso em cada indivíduo.

Para Touraine, indivíduo, sujeito e ator não são sinônimos, mas dimensões ou nuances que indicam diferentes níveis de consciência e de engajamento humano (SILVA, 2008, p. 24). Há, pois, uma passagem do indivíduo, no qual se misturam vida e pensamento, experiência e consciência, ao sujeito, que “é a vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator.” (TOURAINÉ, 1994, p. 220, grifo do autor). Dessa maneira,

Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESC



Só há produção do sujeito à medida que a vida resiste no indivíduo, e, em vez de aparecer como um demônio que é preciso exorcizar, é aceita como libido ou sexualidade e se transforma – ainda mais do que foi transformada – em esforço para construir, além da multiplicidade dos esforços e dos tempos vividos, a unidade de uma pessoa. (TOURAINÉ, 1994, p. 220).

O indivíduo, na sua dimensão de sujeito, ao agir como ator, não se conforma com o lugar que ocupa na organização social – seja este herdado pela tradição ou dado pela produção⁴, e, por isso, age no sentido de modificar tanto o ambiente material quanto o social e o cultural (SILVA, 2008, p. 24).

Em toda a parte onde se revela a vontade de ser ao mesmo tempo memória e projeto, cultura e atividade, o sujeito está presente, ao passo que está ausente em toda a parte onde a emoção é recalçada, o passado é ocultado, a disciplina é reforçada, tanto a da razão como a da lei. (TOURAINÉ, 1998, p. 352).

A liberdade do sujeito será construída em sua relação com o outro, na alteridade, mas não na subjugação, não na integração sistêmica acrítica, mas na busca do reconhecimento, na sua universalidade e na sua particularidade. Na ausência da figura do outro, o indivíduo acaba incorporando uma identidade vinculada à massa populacional. Não há, então, nesse sentido, possibilidade concreta de um reconhecimento próprio e autônomo.

Por isso, os temas do multiculturalismo, do dilema entre igualdade e diferença e da educação intercultural também assumem relevância em seus debates, tendo como lastro social a condição democrática, sob a premissa de que o sujeito possa tornar-se ator em seu destino pessoal e coletivo. Touraine, então, nos faz refletir sobre o nosso reconhecimento enquanto Sujeitos e, nesse sentido, pode contribuir para a quebra de diversos paradigmas relacionados à Educação, uma vez que os espaços educacionais propiciam relações com os outros e ainda podem auxiliar (ou não) no reconhecimento dos desejos individuais que tornam os indivíduos sujeitos e, a partir disso, atores sociais capazes de criar e recriar a sociedade.

⁴Estes aspectos nos remetem à Idade Média onde os papéis sociais eram atribuídos conforme a tradição e, também à Idade Moderna ligada à produção. O que é salutar discutir é: até que ponto este tipo de “predestinação” dos papéis sociais foi superada? Se é que o foi.

Discutir como a democracia vem sendo desenvolvida nos espaços educacionais – neste caso, levando-se em consideração a pluralidade de espaços educativos com base na complexificação dos grupos sociais – é o ponto inicial que deve ser considerado quando se pensa numa educação capaz de propiciar o desenvolvimento de sujeitos (no sentido tourainiano). De que tipo de democracia estamos falando? Quais os mecanismos ditos democráticos? Está ocorrendo participação efetiva nos processos cotidianos? Estas são algumas das questões que acabam por revelar as problemáticas relacionadas à efetivação do Estado democrático de fato e de direito.

Desde a compreensão moderna de Direito Natural, a qual tenta derrubar a exclusividade da *lex divina* medieval, assiste-se a um crescente discurso democrático. A retomada desta forma de organização social grega – a democracia – acabou por sofrer diversas “mutações” desde o advento da modernidade. Os períodos que sucedem a Idade Moderna clássica – ou modernidade triunfante para utilizar o termo de Touraine (2009) – podem demonstrar este caráter mutante da democracia. Este é um debate que merece aprofundamento posterior. Contudo, o que nos interessa aqui diz respeito não à exposição dos fatos históricos que renovaram a compreensão da democracia, mas sim ao quanto este termo continua com alto teor mutatório mesmo numa sociedade que se autodenomina democrática (como o caso brasileiro, por exemplo).

Os discursos democráticos, quando tratamos de educação, fazem-se sempre presentes – seja nos documentos oficiais, seja nas expressões linguísticas cotidianas e ainda no imaginário das pessoas. O sentido de democracia tourainiano, contudo, vai muito além de meros formalismos discursivos, isso porque só é possível enxergar democracia

Mediante a existência de sujeitos individuais e coletivos que assumem a criação da própria vida, que reconhecem a pluralidade de interesses e valores, a serem negociados no espaço público, e que respeitam a diversidade de culturas, de modo a fomentar a comunicação entre os diferentes (SILVA, 2008, p. 33).

Refletindo, então, dialeticamente, sobre as categorias apresentadas, fica evidente que apenas sobre uma concepção democrática e de formação de sujeitos a Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº1, julho/novembro 2016.– PPGE – UNESC

educação pode vir a provocar um reencantamento do mundo. Ou seja, uma democracia verdadeira e uma educação que leve em consideração as relações sociais (do eu com os outros) como base para a construção de sujeitos (aqueles que refletem sobre o mundo e podem agir sobre ele, transformando-o) são capazes, juntas, de superar o pessimismo educacional e ainda o ceticismo sociológico.

Não se trata de suscitar uma visão romântica do papel da educação na mudança social. Mas, de reconhecer a importância das finalidades da educação para a manutenção ou não da ordem social, e ainda, da submissão dos indivíduos. Reencantar o mundo, portanto, trata-se de poder vislumbrar possibilidades: de cada indivíduo constituir-se enquanto sujeito e, com isso, perceber seus próprios desejos (o eu) e perceber, conseqüentemente, as diferenças (ou outros); de coexistência de sujeitos diferentes, convivendo cotidianamente sobre bases verdadeiramente democráticas (sendo estas bases as expressões políticas do reencantamento do mundo); de uma educação que não mascare a própria democracia, tampouco a pluralidade social.

Considerações finais

A emergência de uma nova configuração social, circundada por novos grupos, instituições e relações, coloca em xeque as teorias funcionalistas. E o Sujeito agora não pode mais ser entendido apenas em sua relação com o processo produtivo ou com a religião, ou ainda com a racionalização. A totalidade desse Sujeito é o desafio que se coloca para as mais diferentes áreas do saber, e mais, para as relações cotidianas estabelecidas pelos diferentes indivíduos.

A teoria do Sujeito de Alain Touraine foi responsável por suscitar implicações educacionais que trazem à tona conceitos importantes, tais como: relações, diferença, heterogeneidade, ordem social, mudança e democracia. E, dessa maneira, acaba por promover um debate acerca do tipo de educação que vem se configurando atualmente – emergindo, então, reflexões sobre suas finalidades, seu papel social.



Além disso, o sentido ampliado que Touraine atribui à democracia – superando o reducionismo político, o qual distorce o real sentido da sociedade civil – assume um caráter problematizador no que tange à realidade educacional. Isso porque o tipo de democracia que pode ser elencado com base em uma breve observação das esferas educativas da sociedade (família, escola e outros tantos grupos sociais) revela grandes distorções em seu sentido, o que gera um movimento de ocultação de sujeitos.

A possibilidade, portanto, de reencantar o mundo desemboca em uma concepção diferenciada de educação. Segundo a qual a própria democracia, bem como o imaginário individual e coletivo, e ainda a homogeneização já tão naturalizada precisam ser revistos, precisam ser interrogados. Afinal, é com base na especulação, na dúvida que pode nascer o sujeito e, posteriormente, o ator social.

Referências

ADELMAN, Miriam. Entrevista: Sexo, gênero, sujeito: uma entrevista com Alain Touraine. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, n. 23, Nov. 2004, p. 169-174.

BRANDÃO, Zaia. A dialética micro/macro na Sociologia da Educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 113, jul. 2001, p. 153-165.

GOMES, Candido. **A educação em perspectiva sociológica**. São Paulo: EPU, 1985. (Coleção Temas Básicos de educação e ensino).

HAHN, Noli Bernardo. A questão do Sujeito e o Sujeito em Alain Touraine. **Revista Direitos Culturais**, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 4. Jun. 2008.

PLATÃO. **Êutifron, Apologia de Sócrates e Críton**. Introdução, tradução do grego e notas de André Malta. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **A educação em tempos de neoliberalismo**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, Maria Salete da. Democracia e Sujeito: uma relação indissociável na obra de Alain Touraine. **Emancipação**, Ponta Grossa, 8(2): 21-34, 2008.

TOURAINÉ, Alain. **A busca de si**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda., 2004.

_____. **Crítica da Modernidade**. Tradução Elia Ferreira Edel. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **O que é a democracia?** 2. ed. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes**. Tradução de Jaime A. Clasen e

Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.